



Encontro Nacional dos  
Estudantes de Arquivologia  
De 11 a 15 de Julho de 2016



## **O ESTUDANTE DE ARQUIVOLOGIA: UMA ANÁLISE DE PERFIL DIANTE DOS NOVOS DESAFIOS E AMPLIAÇÕES DA ARQUIVOLOGIA - UNIRIO 2014.**

Alexandre do Nascimento Pires<sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anna Carla Mariz<sup>2</sup>

### **Resumo**

Os conceitos e princípios da Arquivologia passam por uma ampliação devido às transformações tecnológicas, à noção da informação arquivística como elemento de gestão e a promoção da eficiência na administração. No Brasil o campo arquivístico tem à universidade como um lugar privilegiado no processo de consolidação do saber arquivístico, assim o estudante de arquivologia também pode ser analisado como um importante agente na construção desse processo. Nesse sentido, cabe perguntar: Qual o perfil do estudante de arquivologia da UNIRIO? A partir dessa interrogação realizamos uma pesquisa qualitativa e quantitativa, buscando compreender e analisar o perfil do estudante com matrícula ativa na Escola de Arquivologia da UNIRIO no segundo semestre de 2014.

**Palavras chaves:** Profissionalização, Ensino de Arquivologia, Perfil do Estudante, UNIRIO.

### **Introdução**

O avanço da tecnologia da informação e a crescente demanda das entidades públicas e privadas pela organização e utilização da informação arquivística, como elemento estratégico na tomada de decisões, que reflitam maior eficiência e grande economia ao realizar suas atividades. Tais aspectos são hoje um diferencial que potencializam a longa existência das instituições.

---

<sup>1</sup> Estudante do 9º período de Arquivologia da UNIRIO, graduado em História pela UFRJ (2008), com Especialização em Práticas e Ensino de História pelo CESPEB – UFRJ (2011). E mail: alxpiress@oi.com.br.

<sup>2</sup> Graduada em Arquivologia pela UNIRIO (1988), com Especialização em Documentação e Informação pela UFRJ (1994), Mestrado em Memória Social e Documento pela UNIRIO (1997) e Doutorado em Ciência da Informação pela UFRJ (2005). Professora Associada da UNIRIO desde 1991. É Diretora da Escola de Arquivologia desde 2006 e pertence ao núcleo de professores fundadores do Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos aberto em 2012.

Neste contexto refletir sobre a Arquivologia, como um campo científico e o seu processo de profissionalização no Brasil é relevante. Assim, resolvemos analisar o perfil do estudante de arquivologia da UNIRIO, buscando compreender: Qual a identidade do aspirante a arquivista que estuda na Escola de Arquivologia da UNIRIO? Como este estudante percebe a Arquivologia como área de conhecimento e carreira profissional no Brasil?

Na realização desta tarefa nos apropriamos de uma breve revisão bibliográfica para analisar a ampliação do conhecimento arquivístico diante das inovações tecnológicas e da chamada pós-modernidade, nos valendo das perspectivas de Terry Cook.

Após estas reflexões iniciamos a análise quantitativa e qualitativa das entrevistas realizadas com os estudantes da Escola de Arquivologia da UNIRIO, com matrícula ativa no segundo semestre de 2014.

A pesquisa foi efetuada através da distribuição de questionários aos estudantes de arquivologia da UNIRIO, entre os dias 24 e 27 de novembro de 2014, a abordagem foi realizada diretamente nas salas de aula, priorizando as disciplinas e os períodos específicos em cada dia de coleta. Foram entrevistados 134 estudantes, de um total de aproximadamente 250 estudantes matriculados, segundo informações da secretaria acadêmica de arquivologia, o que totaliza um universo de entrevistados de cerca de 54% dos estudantes com matrícula ativa no segundo semestre de 2014.

Também estabelecemos uma breve comparação dos dados de nossa pesquisa com os dados da pesquisa sobre o perfil do estudante da UNIRIO realizada em 2010. Tudo isso, na tentativa de apontar as mudanças ou permanências que configuram o perfil do estudante da Escola de Arquivologia da UNIRIO durante esse período.

### **Arquivologia: uma análise de contexto**

Terry Eastwood aponta para a necessidade de entender o meio político, econômico, social e cultural de uma dada sociedade para compreender os seus arquivos. (EASTWOOD *apud* COOK, 2012, p.6). Assim é importante compreender o quanto as transformações da chamada sociedade pós-moderna interfere na construção de uma consciência profissional de ser arquivista, e também na formulação do campo arquivístico.

O conceito de arquivologia pós-custodial ou pós-moderna analisa não somente o processo de desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação, mas também a evidência do contexto político de valorização das formas democráticas de governo, a percepção da informação arquivística como um elemento estratégico na tomada de decisões

das empresas e também com artifícios para os cidadãos reivindicarem direitos, reafirmar identidades, entre outras demandas, exige do profissional de arquivo uma consciência sólida da sua função social, que deve ser refletida diretamente na racionalização de suas atividades (COOK, 2001, p18).

Cook aborda que o século XXI coloca um desafio ao profissional de arquivo. A busca de formular arquivos que sejam capazes de satisfazer o número crescente de demandas, que exige cada vez mais do arquivista responsabilidades. Torna-se necessário o constante reconhecimento e avaliação dos contextos legislativos, políticos locais, para então empreender arquivos que sejam capazes de atender a crescente demanda.

Neste sentido Cook analisa o percurso da prática arquivística, em diferentes contextos históricos, desde a Era Custodial até Era Pós-custodial. Nesta análise Cook define quatro paradigmas<sup>3</sup> do campo arquivístico. O primeiro a *evidência* que predominou até anos de 1930, o segundo a *memória* que predominou de 1930 a 1970, o terceiro a *identidade*, o arquivo com possibilidades de ser apropriados por cidadãos comuns para requerer seus direitos e a confirmação de suas identidades, neste sentido a compressão do arquivista como mediador desse processo. E por fim o quarto que define como *comunidade*, no qual Cook aponta o desafio os profissionais de arquivo, que através de suas perícias técnicas possam orientar as comunidades a tratar dos seus próprios arquivos, em suas estruturas digitais, de uma forma mais racionalizada, que possibilite mais eficiência e maior significado na construção, descrição e preservação de seus arquivos (COOK, 2012, p55).

Estas questões são partes dos debates entre os pares do campo arquivístico e trazem reflexões importantes sobre este fazer do arquivista em um mundo tomado por múltiplos contextos. Assim é pertinente compreender: Como estas questões se fazem presentes nas universidades? Como os estudantes de arquivologia percebem estas influências no processo de formação acadêmica? Pode ser uma estratégia relevante para pensar o campo arquivístico no Brasil.

Maria Odila Fonseca analisa que a partir da década de 1980 novos contextos emergem no cenário nacional. Sendo a década de 1980 marcada pelo fortalecimento das instituições arquivísticas públicas, sobre a liderança do Arquivo Nacional (FONSECA, 2011, p.68). Já a década de 1990 foi configurada pela consolidação das universidades como importantes

---

<sup>3</sup> Cook menciona o termo **paradigma** a partir do conceito definido por Thomas Kuhn em 1962, que define mudança de paradigma quando as respostas para perguntas de pesquisas não conseguem explicar suficientemente o dado fenômeno observado, no caso da arquivologia aborda que esta questão está para além do registro da informação e seus criadores, afeta não só a teoria como as práticas que se baseiam nestas teorias (COOK, 2012: 5).

espaços acadêmicos de configuração do saber arquivístico. Na década de 1970 foram criados os três primeiros cursos de graduação de arquivologia.

Em 1973 um acordo assinado pelo diretor do Arquivo Nacional, Raul do Rego Lima com a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ elevou o Curso Permanente de Arquivo, do Arquivo Nacional à condição de nível superior, sendo os diplomas expedidos pela UFRJ. Assim teve início o primeiro curso superior de arquivo no Brasil. Em 1977, esse curso foi transferido do Arquivo Nacional para a FEFIERJ (Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro) e também teve sua denominação alterada de Curso Permanente de Arquivo para Curso de Arquivologia. Em cinco de junho de 1979 a FEFIERJ passou a ser UNIRIO (Universidade do Rio de Janeiro) e em 24 de outubro de 2003 a UNIRIO passou a ser intitulada, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que continua a abrigar o primeiro curso de arquivologia do Brasil (MAIA, 2006, p.96).

No ano de 1977 também foi instituído o curso de arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (no Rio Grande do Sul) e em 1978 o curso de arquivologia da Universidade Federal Fluminense - UFF (no Rio de Janeiro). Enquanto na década de 1990 foram criados mais cinco cursos: o da Universidade Federal de Brasília, o da Universidade Federal da Bahia, o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o da Universidade Estadual de Londrina e o da Universidade Federal do Espírito Santo, ou seja, nessa década o número de universidade com cursos de arquivologia teve um aumento de mais de 100% (FONSECA, 201, p.70). Atualmente no Brasil têm 16 cursos de graduação em arquivologia, espalhados por todas as cinco regiões<sup>4</sup>.

Outro fenômeno que contribuíram para as universidades tornarem-se um referencial no saber arquivístico brasileiro foi a transferência dos quadros de funcionários das instituições arquivísticas públicas para as universidades. A configuração do cenário econômico brasileiro segundo políticas neoliberais, a partir da década de 1990 <sup>5</sup>, que difundiu na administração pública a teoria do estado mínimo, através da privatização de empresas estatais, de certa forma, atingiu a administração pública, assim como, as instituições arquivísticas públicas (FONSECA, 2011, p.72).

---

<sup>4</sup> Somando-se as universidades relacionadas têm: UNESP/ Marília (SP), UEPB e UFPB (PB), FURG(RN), UFMG(MG), UFSC(SC), UFAM(AM), UFPA(PA). Segundo informações do CONARQ.

<sup>5</sup> Neoliberalismo no Brasil é pontuado a partir do governo de Fernando Collor de Mello de 1990 a 1992, e governos seguintes. Ver: OLIVEIRA, Francisco de. O Neoliberalismo à Brasileira In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 24-34.

Desta maneira, a universidade é abordada por diversos estudiosos da arquivologia, como um lugar de grande potencial para o desenvolvimento e reformulação do campo arquivístico.

### **Comparando os resultados com a pesquisa do perfil dos estudantes realizada em 2010**

O estudo do perfil do estudante da UNIRIO não é um trabalho pioneiro, outras pesquisas semelhantes já foram realizadas, na busca de conhecer o estudante de arquivologia da instituição. Inclusive foram estas pesquisas que nos serviram de inspiração para realizar este trabalho.

A primeira pesquisa que tomamos ciência foi realizada no ano de 1996, pela professora Ana Celeste Indolfo. No ano de 2000, a professora Anna Carla Mariz realizou a segunda pesquisa, dando sequência a uma série, que teve sua terceira versão realizada em 2004, pelos estudantes Daniel Pena e Wagner Ridolphi e a quarta e última pesquisa da série foi realizada em 2010, pelo já arquivista Wagner Ridolphi.

Em 2010, Ridolphi além da apresentação e a análise dos resultados de sua pesquisa, também realizou a comparação com os dados das pesquisas anteriores, buscando demonstrar um panorama geral do estudante de arquivologia da UNIRIO durante o período de 1996 a 2010<sup>6</sup>.

Em nossa pesquisa algumas questões propostas no questionário de entrevista são diferentes das questões apresentadas nas pesquisas anteriores. Aqui optamos em reelaborar um questionário que embora apresente muitas perguntas semelhantes ao questionário das pesquisas anteriores, fosse capaz também de coletar possíveis informações para compreender quem é este estudante de arquivologia da UNIRIO, no contexto atual de desenvolvimento da sociedade da informação e consolidação a arquivologia como campo de saber acadêmico no Brasil.

Deste modo apresentaremos nesta seção uma comparação entre as questões semelhantes encontradas nas duas versões de questionários realizados, assim também, tentaremos realizar uma aproximação entre as questões que tenham grande proximidade no eixo de investigação.

Vale ressaltar que como Ridolphi já realizou a comparação entre as séries de pesquisas realizadas de 1996 a 2010, nossa intenção é somente tentar fazer um comparativo entre a pesquisa de 2010 e a nossa coletada no segundo semestre de 2014.

---

<sup>6</sup> Ver: (RIDOLPHI, 2010: 4-11).

## Comparativo de Universo e Amostragem entre as pesquisas

Na comparação entre os números de estudantes matriculados e o número de estudantes entrevistados nas duas pesquisas observamos na tabela a seguir:

**Tabela: 01** Universo e amostragem de entrevistados

Ano	2014	2010
Universo*	250	266
Cobertura**	134 estudantes (53,6%)	116 estudantes (43,6%)
Amostragem	Todos os períodos	Todos os períodos

\* Total de estudantes matriculados no semestre que foi realizada a pesquisa

\*\* Total de estudantes que responderam o questionário de entrevista

## Comparativo Entre gêneros

Nesta seção queremos demonstrar o percentual de homens e mulheres que responderam as duas entrevistas. Percebemos que ocorreu um equilíbrio entre homens e mulheres matriculados, diferente do ano de 2010, que havia um percentual maior de mulheres. A tabela demonstra este dado:

**Tabela: 02** Comparativo de gênero entre os entrevistados

Ano	2014	2010
Mulheres	49,25%	57,7%
Homens	50,75%	42,3%

## Comparativo identidade étnico-racial

Neste comparativo observamos um crescimento dos que se declaram pretos e pardos, ou seja da população negra, em relação a pesquisa de 2010. A tabela a seguir apresenta esta análise:

**Tabela: 03** Comparativo de identificação étnico-racial entre os entrevistados

Ano	2014	2010
negros*	48,51%	40,5%
pretos	14,18%	17,2%
pardos	34,33%	23,3%
Branco	45,52%	50,6%

\* A população de negros segundo classificação do IBGE consiste no somatório dos que se declaram pretos com o que se declaram pardos.

### Motivações para ingressar no curso de arquivologia

Neste comparativo tentamos fazer uma aproximação entre as opções pontuadas na pesquisa de 2010 e os principais apontamentos verificados em nossa pesquisa. Assim percebemos que a visão de um mercado promissor permaneceu como principal motivação ao ingresso no curso de arquivologia passando de 45,17% em 2010 para 62,69% em 2014, em contraposição a redução da motivação apontada pela baixa concorrência no vestibular e/ ou baixa exigência de nota no ENEM que passou de 10,3% em 2010 para 3,0% em 2014. Compare estes dados na tabela:

**Tabela: 05** Comparativo entre os principais fatores motivadores do ingresso na arquivologia pelos entrevistados

Ano	2014	2010
Influência de parentes e amigos graduados em arquivologia	12,69%	-
A percepção do mercado de trabalho promissor / boas perspectivas profissionais	62,69%	45,7%
Baixa concorrência de vagas no vestibular/ menor exigência de nota no ENEM	3,0%	10,3%
Aptidões pessoais	6,72%	18,1%
Complementação de formação profissional que já exerce	2,4%	13,8%
Outros	12,5%	12,1%

### Comparativo da instrução dos pais

Neste comparativo podemos observar uma redução significativa dos que declaram ter pais analfabetos ou sem instrução formal, em 2010 eram 0,9% das mães e 4,3% dos pais já em 2014 apenas 0,75% tanto das mães como dos pais são declarados sem acesso a escola/ analfabetos. Da mesma forma percebemos uma suave redução dos que declararam ter pais

com ensino superior completo e/ou incompleto, contrapondo a uma elevação dos que declaram ter pais com ensino médio completo, aproximadamente uma elevação de 10% tanto para os pais como para as mães. Da mesma forma percebemos uma suave redução dos que declararam ter pais e mães com ensino fundamental completo e/ou ensino médio incompleto, contrapondo a uma elevação significativa dos que declararam ter pais e mães com ensino fundamental incompleto em 2010 5,2% das mães e 3,4% dos pais foram declarados com ensino fundamental incompletos já em 2014, 21,64% das mães e 20,90% dos pais foram declarados com este grau de instrução. O que representa uma elevação de mais de 300%. A tabela ajuda a compreender melhor esta análise:

**Tabela: 04** Comparativo de grau de instrução de pais e mães dos entrevistados

Ano:	2014		2010	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Ens. Fundamental incompleto	21,64%	20,90%	5,2%	3,4%
Ens. Fundamental Completo/ Ens. Médio Incompleto	9,7%	8,21%	14,6%	12,1%
Ens. Médio Completo	41,04%	32,84%	30,2%	31,0%
Superior incompleto	8,21%	8,21%	6,0%	5,2%
Superior Completo	11,94%	19,40%	19,0%	23,3%
Especialização/mestrado ou doutorado	6,71%	5,23%	10,3%	6,0%
Não sei	-	1,49%	5,2%	3,4%
Sem instrução formal/analfabeto	0,75%	0,75%	0,9%	4,3%
Não responderam	-	2,99%	-	-

### Experiências acadêmicas anteriores ao curso de arquivologia

Neste comparativo estabelecemos o percentual de estudantes que já tiveram outra experiência acadêmica além da Escola de Arquivologia, percebemos que ocorreu uma redução do número de estudantes que declararam ter outras experiências acadêmicas, além da Escola de Arquivologia em 2010, estes representavam 55,10% enquanto em 2014 passaram a representar 41,79%. Compare estes dados na tabela:

**Tabela: 06** Comparativo entre experiências acadêmicas anteriores entre os entrevistados

Ano	2014	2010
Única experiência acadêmica é o curso de arquivologia	58,21%	44,90%
Já concluiu e/ou cursar outra graduação, já teve outra experiência acadêmica *	41,79%	55,10%

\* como experiência acadêmica levamos em conta matrículas trancadas, abandono de outro curso



## Expondo outros dados: O Papel do Arquivista na Sociedade Brasileira

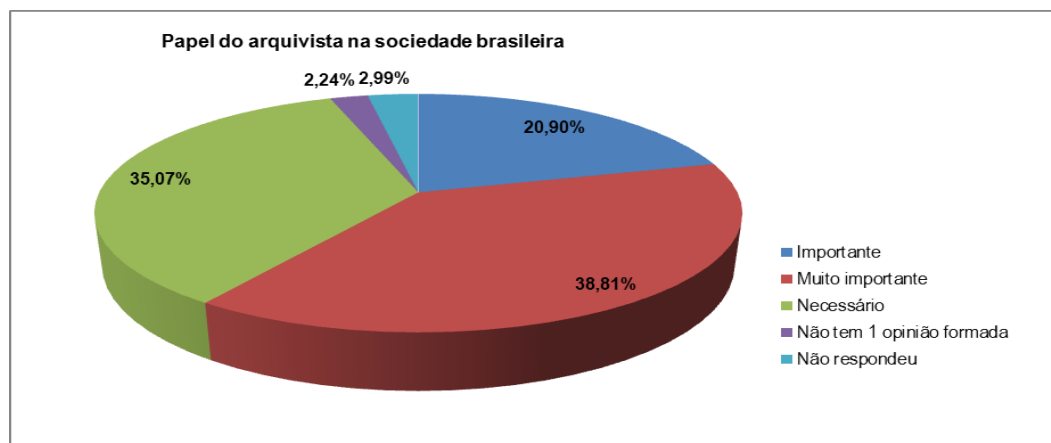
Nesta seção, iremos abordar dados específicos ao contexto arquivístico atual, assim não apresentaremos um comparativo com as pesquisa de 2010. Propomos dois questionamentos a respeito da função social do arquivista no cenário sócio-político brasileiro. O primeiro visa avaliar a percepção sobre o reconhecimento do arquivista na sociedade brasileira. Assim, perguntamos - Qual o papel do arquivista na sociedade brasileira? E apontamos quatro alternativas:

a) importante, b) muito importante, c) necessário, d) não tenho opinião formada.

No universo entrevistado apenas 4 estudantes *não responderam* o questionamento, o que representa aproximadamente 3%. Enquanto 52 estudantes Responderam *muito importante*, o que representa aproximadamente 39%, já 47 estudantes responderam achar *necessário*, o que representa aproximadamente 35%, outros 28 estudantes responderam achar *importante*, o que representa aproximadamente 21% e apenas 3 estudantes responderam *não ter opinião formada*, o que representa o que representa aproximadamente 2% .

O gráfico apresenta esta proporção de modo objetivo:

Gráfico 19- Percepção da função de arquivista na sociedade pelo estudante



Buscando avaliar o contexto político e social brasileiro, que certamente influencia a prática e os debates sobre a atuação do arquivista na sociedade, Optamos em trazer uma reflexão para o estudante da Escola de Arquivologia, a respeito da Lei de Acesso a Informação<sup>7</sup> e a sua relação com os interesses e demandas da arquivologia. Para isso,

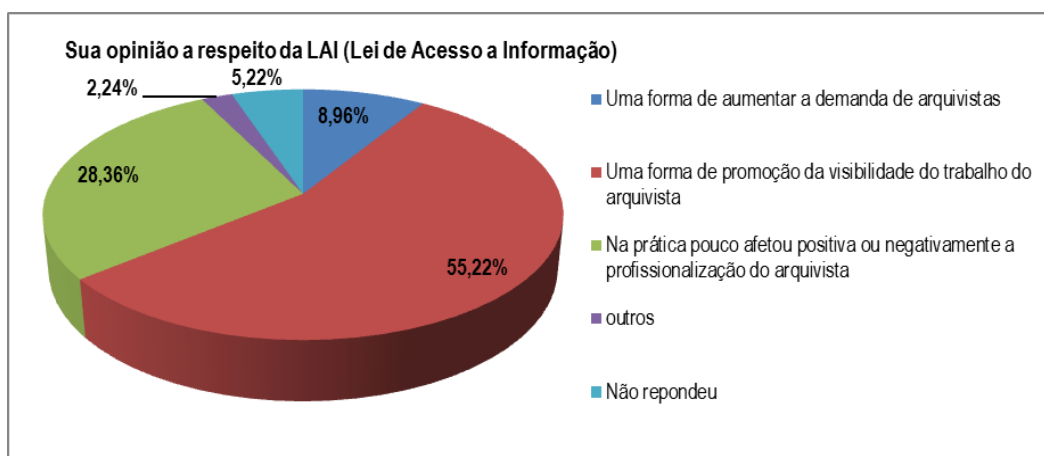
<sup>7</sup> Em 18 de novembro de 2011 foi sancionada a lei federal nº 12.527, conhecida como LAI (Lei de Acesso a Informação), e somente em 16 de maio de 2012 entrou em vigor. A LAI foi considerada por muitos juristas e profissionais da área da ciência da informação como um grande passo para garantir aos cidadãos o acesso a documentos e informações que estão sob a guarda do poder público e assim,

perguntamos - Sua opinião a respeito da LAI, e definimos quatro alternativas de respostas, apresentadas a seguir:

**a)** Uma forma de atender a demanda de arquivistas; **b)** Uma forma de promoção da visibilidade do trabalho do arquivista; **c)** Na prática pouco afetou positiva ou negativamente a profissionalização do arquivista; **d)** outros.

Dentre os entrevistados 7 estudantes *não responderam a questão*, o que representa aproximadamente 5%. Enquanto 74 estudantes avaliam ser *uma forma de promoção da visibilidade do trabalho do arquivista*, o que representa aproximadamente 55%, outros 38 estudantes avaliam que *na prática pouco afetou positiva ou negativamente a profissionalização do arquivista*, o que representa aproximadamente 28%, 12 estudantes avaliam como *uma forma de aumentar a demanda de arquivistas* e apenas 3 estudantes pontuaram *outros aspectos*, que representam aproximadamente 2%. O gráfico a seguir apresenta esta proporção:

Gráfico 20 – A representação da LAI na visão do estudante



## A experiência do estagiar

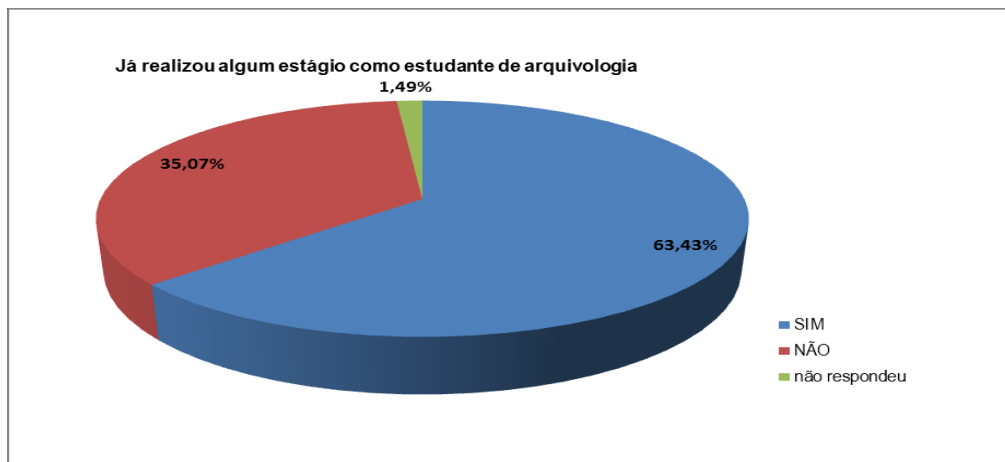
Neste item analisamos as experiências do estudante da Escola de Arquivologia com os estágios realizados na área. Fizemos 2 questionamentos aos estudantes: o primeiro deles - **Já realizou algum estágio como estudante de arquivologia?**

---

permitir o avanço do Brasil na consolidação de uma nação democrática e transparente, que amplia a participação e o fortalecimento dos instrumentos de controle da gestão pública. Um debate importante ocorre a respeito da necessidade do profissional de arquivo ter consciência da sua função social na busca de desenvolver meios, participar de audiências e debates públicos para desenvolver normas diretrizes, pensar soluções para as limitações das instâncias públicas (municipal, estadual e federal) da nação para a implementação da LAI.

Responderam que **SIM** 85 estudantes, que representa aproximadamente 63% em confronto a 47 estudantes que responderam **NÃO**, que configuram basicamente 35%. Apenas 2 estudantes não responderam a questão, o que representa aproximadamente 1,5%. O gráfico apresenta esta proporção entre os estudantes que já realizaram estágios na área e os que ainda não realizaram:

Gráfico 23- Proporção de estudantes que já realizou estágios na área de arquivologia

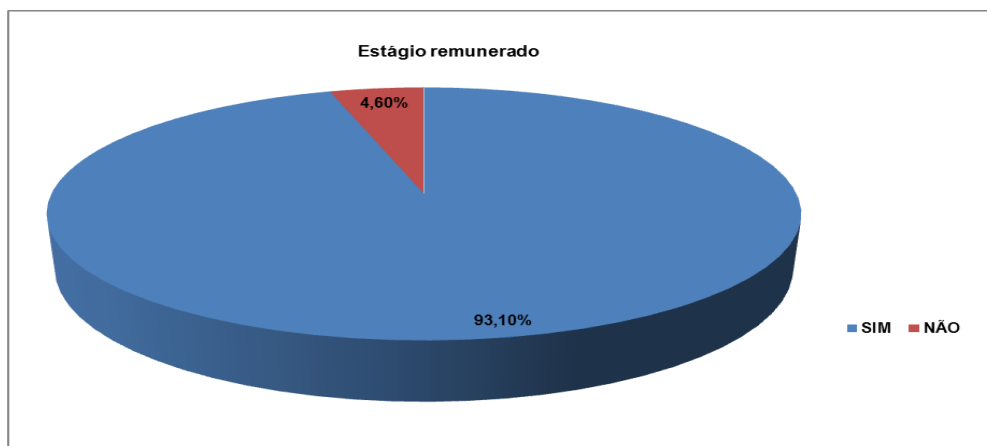


O segundo questionamento foi direcionado para os estudantes que já haviam realizados estágios. Perguntamos - O Estágio era remunerado?

Responderam que **SIM** 81 estudantes, dentre o universo de 63,43% dos entrevistados, que pontuaram realizar ou já ter realizado estágio na área de arquivologia em confronto a estes somente 4 estudantes responderam **NÃO** (não terem realizados estágios remunerados na área). Dentre os estagiários praticamente todos disseram ter realizados estágios remunerados, esse fato pode representar uma valorização do profissional no mercado, assim também uma falta de mão de obra disponível, mas também uma forma de utilizar a baixo custo, mesmo que na competência de estagiários, os serviços e um arquivista. Tais provocações não são para ser respondidas, pois precisariam de mais dados e pesquisas específicas que pudessem respondê-las, mas acredito que mesmo sem respostas são importantes em nossa reflexão.

O gráfico a seguir apresenta a proporção entre estágios remunerados e não remunerados:

Gráfico 24- Proporção de estágios remunerados realizados pelos estudantes



### Considerações finais

A profissionalização do arquivista foi vinculada à universidade, aspecto que foi determinante para a consolidação do campo arquivístico no Brasil. A universidade torna-se um lugar para a reflexão e desenvolvimento de teorias arquivísticas, contextualizadas com as demandas brasileiras. Mesmo que estas teorias não sejam isoladas de um contexto internacional.

Desta forma, perceber que neste processo existem muitos agentes e sujeitos envolvidos, mas dentre estes certamente o estudante de arquivologia é também um agente de destaque na construção desse saber e fazer arquivístico. Por isso, a investigação do perfil do estudante de arquivologia pode ser um caminho para analisar a compreender a consolidação do campo de conhecimento arquivístico no Brasil.

A começar pela “desprofissionalização” do técnico de arquivo, o que pode ser visto como um fator motivador ao estagiário de arquivologia a ingressar muito cedo nas instituições, devido à grande escassez de profissionais para desempenhar uma função de auxiliar a rotina de organização dos arquivos.

Em muitos casos estes estagiários chegam a participar ativamente das ações de racionalização e desenvolvimentos das estratégias de planos e projetos para implementação da organização de arquivos. Neste aspecto as experiências de estágios veêm tornando muito rica a formação dos “aspirantes a arquivistas”. No entanto, não podemos deixar de considerar a existência de casos de ingresso precoce de estagiários no mercado, como mão de obra barata e

sem o auxílio de um supervisor que conheça os princípios norteadores do conhecimento arquivístico. Nestes casos, a experiência de estágio precoce não pode ser observada como positiva na formação do estudante.

Contudo, a partir da análise dos dados da pesquisa avaliamos que a formação acadêmica do estudante de arquivologia da UNIRIO tem sido bastante enriquecedora, pois para além dos debates e teorias discutidas dentre os muros da universidade, ocorrem interações com a formulação prática do “fazer arquivístico”, quer pelo ingresso precoce nos estágios, quer por constantes debates e mesas redondas que estes estudantes afirmam ter participado ao longo da sua vida acadêmica.

Outro aspecto que vale ressaltar é a potencialidade desse tipo de pesquisa, que permite através do cruzamento desses dados gerarem inúmeras informações novas, que nos ajude a conhecer quem são e/ou quantos são os estudantes de arquivologia e mais importante, quem e/ou quantos serão os arquivistas, formados pela UNIRIO.

Certamente uma informação importante para pensar os planejamentos políticos e estratégicos, as reformas curriculares, entre outras questões que sejam de relevância para o universo dos estudantes de arquivologia e a manutenção de excelência na formação desses aspirantes a arquivistas pela UNIRIO e também, de modo mais global, para refletir sobre o desenvolvimento da arquivologia como campo profissional em nosso país.

A exemplo de outras pesquisas semelhantes que já foram realizadas, não é nossa intenção esgotar as possibilidades de análises, mas suscitar novas reflexões sobre o desenvolvimento desse campo de conhecimento. No contexto brasileiro, que as universidades conjugam um local de excelência na construção do conhecimento arquivístico, conhecer os estudantes e tentar compreender o processo de formação desses, pode ser uma estratégia relevante para alcançar este objetivo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Isaac Newton Cesarino da Nóbrega. **Norma e práxis: o arquivista e o ingresso no serviço público** (monografia para Bacharelado em Arquivologia). João Pessoa: UEPB, 2013. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4257/1/PDF%20-%20Isaac%20Newton%20Cesarino%20da%20N%C3%B3brega%20Alves.pdf> Acesso em: 20 de nov de 2015.

BIROU. Alain, **Dicionário das Ciências Sociais**. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1978.

CASTELLS. Manuel. **The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business, and Society.** (2001). Nova York Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. **Gestão de documentos: uma renovação epistemológica da Arquivologia.** *Arquivistica.net*, v.3,p.28-60, 2007. Disponível em [www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005190&dd1=09a59](http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005190&dd1=09a59) Acesso em: 28 mai. 2014.

COOK, Terry. **A ciência arquivística e pós modernismo: novas formulações para conceitos antigos** *In CID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 3-27, jul./dez. 2012. Disponível em: [www.revistas.usp.br/incid/article/download/48651/52722](http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/48651/52722) Acesso em: 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Entrevista: Terry Cook.** *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 142-156, jul./dez. 2012. Disponível em: [www.revistas.usp.br/incid/article/download/48651/52722](http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/48651/52722) Acesso em: 12 out. 2015.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

IBGE. **Características Étnico- raciais da População: um estudo das categorias de classificação de raça ou cor 2008,** Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf> Acesso em 24 nov. 2015.

JARDIM, Jose Maria, FONSECA, Maria Odila. **As relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação**> Cadernos BAD, v.2, p. 29 -45, 1992.

MAIA, Augusto Moreno. **A construção do Curso de Arquivologia da UNIRIO: dos primeiros passos à maturidade universitária?** Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. Disponível em: <http://educacao.unirio.br/index.php?page=defendidas-em-2006> Acesso em: 12 de outubro de 2015.

MARIZ, Anna Carla Almeida. **O Campo profissional do Estudante de Arquivologia: análise dos estágios realizados pelos alunos da UNIRIO.** *Archeion Online*, João Pessoa, v.1, n.1, p. 87-97, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion/article/view/17133/9750> Acesso em: 12 de out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Perfil do aluno de Arquivologia da UNIRIO no ano de 2000.** *Cenário Arquivístico*, Brasília, v. 2n. 115-19, 2003.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. **Interlocuções entre a Arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil.** Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Brasília: FCI/UnB, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Brasília: FCI/UnB, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/2979>. Acesso em: 04 jul. 2010.



RIDOLPHI, Wagner. **O perfil dos Estudantes de arquivologia da UNIRIO EM 2010**. In **IV CNA**, 2010, Vitória, 2010. (p.1100-1113).

SADER, Emir & GENTILI, Pablo (organizadores.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SANCHES NETO, Luiz Lozzano. **Controle social da gestão pública e a lei de acesso a informação**. In **JurisWay**. Sistema Educacional on-line. Disponível em: [http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id\\_dh=9205](http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=9205) Acesso em: 20 de nov. 20015.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno** (Coleção primeiros passos; 165). São Paulo: Brasiliense , 2004 - 22ª reimpr. da 1ª ed. de 1986.